

## Resenha

### ***Fragmentos. Memória. Trajetória. História***

Marilena A. Jorge Guedes de Camargo (Org.) Rio Claro - SP: Paper Copy, 2004.

*Kátia Maria Kasper*

Em *Fragmentos, Memória, Trajetória, História* temos um conjunto de seis memoriais produzidos por professoras universitárias, na ocasião do seu Concurso Público de Efetivação do quadro docente da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro. Cinco delas professoras do Departamento de Educação, do Instituto de Biociências (Alice Itani, Débora Mazza, Leila Maria Ferreira Salles, Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, Marilena A. Jorge Guedes de Camargo – esta última, a organizadora do livro) e Leila Marrach Basto de Albuquerque, professora do Departamento de Educação Física, do mesmo Instituto. Os textos datam dos primeiros anos do século XXI e um deles de 1996.

O que dizem essas mulheres, ao selecionarem aspectos de sua vida profissional e pessoal e apresentá-los em um memorial? Como compreendem tal proposição? Que discursos são produzidos nessas configurações? Quais os elementos salientados por cada uma delas? A respeito do que silenciam?

Certamente podemos encontrar, em momentos do livro, ecos das marcas de um modelo oficial de apresentação de si, conforme analisado por Pierre Bourdieu em *L'illusion biographique*. No entanto, *Fragmentos, Memória, Trajetória, História* ultrapassa modelos. A própria produção de um memorial circunstanciado é problematizada no livro em vários momentos. Um deles, quando Débora Mazza questiona, com Claude Lefort, a possibilidade de se pensar a trajetória pessoal e a profissional “como uma unidade homogênea, constituída de continuidades e sínteses”. (p. 139) Problematizado através de uma série de questões que levam Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo a afirmar que escrever o memorial “é mais amplo do que falar das empolgantes atividades de ser uma professora universitária; é falar e fundamentar o como me tornei professora universitária e algumas implicações em sê-lo”. (p. 164) Para a seguir dizer-se disposta a “arriscar e falar, tanto quanto possível, sem medo de errar” (p. 167). Assim, cria um estilo bem próprio e, com os mais diversos aliados, entre eles autores de várias áreas do conhecimento, antigos professores, alunos (de diversas idades, eles têm presença forte no texto), ela nos conta da construção que vem fazendo de sua trajetória como professora e pesquisadora. Modo de fazer que não separa conhecimento e vida, objetividade e subjetividade e que mantém a capacidade de espantarse, gritando ao mundo que é preciso “*abrir-se à escuta!*”.

Cada uma das professoras teceu variações em torno da construção de um memorial, em sua feitura. Leila Marrach Basto de Albuquerque, por exemplo, circunscreve o seu à análise de aspectos de sua formação acadêmica e de sua atividade profissional, relacionadas às circunstâncias sociais e históricas, afirmando a importância da pesquisa - seja de novas seitas japonesas, em sociologia das religiões, ou

---

a respeito da memória, ou de como criar um campo transdisciplinar para pensar a psicomotricidade humana.

Muito mais do que um relato formal de trajetórias acadêmicas, para além de momentos de vidas dessas mulheres – que, aliás, somos irresistivelmente levados a conhecer -, algo que se configura fortemente nesse conjunto de memoriais são as marcas dos encontros com os outros. Não são seis mulheres separadas do mundo pensando, trabalhando. Não se trata também de uma prestação de contas burocrática, onde cada uma procuraria mostrar-se competente e produtiva, como é possível que queiram certas agências de fomento. Inclusive, já no primeiro memorial, Marilena A. Jorge Guedes de Camargo analisa relações entre universidade e sociedade, o neoliberalismo e a proposta de reforma universitária, apontando como a privatização vai sendo “implantada por dentro da universidade”, a qual vai se tornando “cada vez mais empresarial”. (p. 23) Aponta também o papel do Banco Mundial, dando diretrizes para as políticas de ensino superior no Brasil.

O que é o exercício do pensamento? Em *Différence et répétition*, Gilles Deleuze mostra-nos como pensar não tem a ver com a reconhecimento, conforme costumamos acreditar. Pensar supõe um desconforto, um encontro com algo inesperado, um abalo em nossas concepções, em nossas verdades estabilizadas, em nossa maneira de perceber e estar no mundo, um encontro com o fora. Algo acontece e nos tira do que conhecíamos, das categorias costumeiras e somos levados a pensar. Essa questão, a nosso ver, perpassa todo o livro.

São muitos os encontros que desestabilizam e arrastam essas professoras para novas questões. Com autores, cujos nomes não apresentarei, garantindo ao leitor que são muitos e que poderá encontrá-los em sua própria leitura do livro. Encontros com meninos e meninas, jovens de todas as idades, seus alunos. Encontros muito intensos com alguns professores seus, no ensino fundamental, na graduação e na pós-graduação. Encontros que levam a elaboração de questões educacionais em seus vínculos com práticas políticas da época. Encontros afetivos. O conceito de formação aparece aqui ampliado, ganhando sua dimensão cultural, vital, não restritiva aos portões e bancos escolares.

Somos, o tempo todo, atravessados pelo social e isso aparece das mais variadas maneiras, na apresentação desses múltiplos processos de subjetivação. Seja em flashes, ou de maneira mais detalhada, cada uma delas nos conta, a seu modo, caminhos que mostram embates com sua época, com os cânones das áreas de conhecimento, configurando grande inquietude e disposição para o estudo e a pesquisa.

Diversas são as leituras possíveis dessas produções. Encontramos nesse livro testemunhos históricos, como alguns aspectos da história da educação no nosso país, das escolas normais em uma certa época, das escolas rurais, dos grupos escolares, etc., especialmente na cidade de Rio Claro.

História de mulheres que nasceram no interior paulista, entre as décadas de 1940 e 1960 – exceção feita, talvez, a uma delas, que não nos apresenta tais elemen-

---

tos em seu memorial. Mulheres que estudaram em escolas públicas, fizeram universidade e se tornaram professoras universitárias. Não sem dificuldades; nem sem conflitos.

São mulheres que nos afetam com suas escolhas, suas dúvidas, sua insatisfação e busca de novos lugares. Maternidade, filhos pequenos, netos, grandes encontros, como os companheiros de uma vida, de um caminho.

Singularidades apontadas com incrível delicadeza e potência, como quando Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo confessa não resistir a entrar em uma loja para olhar e tocar em tecidos. Essa capacidade de afetar e de se deixar afetar pela vida afetando também o leitor, que é arrastado através desses fragmentos ao mesmo tempo fortes e singelos. Despretensiosos e extremamente ricos. Certas vezes, busca de atribuição de sentido ao que se viveu, mas que, por mais sistematizado e organizado que nos apresente, deixa sempre ao leitor a polissemia, a pluralidade de sentidos. Sem perder de vista também que a busca de coerência numa trajetória vital é uma construção narrativa que se faz a posteriori, como afirma Débora Mazza.

É curiosíssimo acompanharmos também a relações que cada uma dessas mulheres estabelece com a leitura. As marcas dos contatos com os livros aparecem fortemente nessas trajetórias. Débora Mazza, por exemplo, conta-nos do seu fascínio, quando menina, por histórias bíblicas. Leila Maria Ferreira Salles, que não dispunha de uma biblioteca municipal na cidade onde morava quando criança. Lia romances - dos mais clássicos aos mais populares - todos os livros que encontrava em casa, na biblioteca do clube e na escolar. Através da leitura escapava das "limitações impostas por uma cidadezinha do interior", diz ela.

Esta professora fala-nos também de uma grande experiência para uma jovem: viver longe da casa dos pais e cuidar de si. Fala-nos da luta contra a ditadura militar e da crença na "conscientização" como um grande motivo da época. Daí a escolha da educação enquanto lugar para desenvolver tal projeto. Projeto que não foi só de Leila, mas de muitas pessoas de uma geração. Acreditávamos na consciência e na vontade enquanto principais motores de mobilização.

A dimensão política perpassa todos os memoriais, cada um a seu modo. Muito claramente definido para Marilena A. Jorge Guedes de Camargo, ou quando Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo aponta sua importância nos pequenos detalhes cotidianos do fazer. Marcando a atmosfera de um curso universitário de ciências sociais, no final da década de 1960 e de um mestrado na década seguinte, conforme narrado por Leila Marrach Basto de Albuquerque. Na participação de Débora Mazza no movimento estudantil universitário. Alice Itani viveu, desde muito cedo, o contato com tomadas de decisões políticas e o preço que se paga por elas. Seu avô, integrante do exército imperial japonês, resistiu a participar na guerra, fugindo para o Brasil, em meados dos anos 1920. Afirma que isso custou caro a ele, mas foi pago com coragem e serenidade. Ela lança-nos em uma atmosfera que traz algo de Akira Kurosawa, de pintura e cultura japonesas. A forte presença dos mais velhos, no caso, o avô paterno, decidindo os rumos e marcando toda a família. Alice nos fala de

---

hibridismo, de caminhos e passagens por ruelas do interior paulista, alamedas e bulevares parisienses. Fala-nos de conflito. No final dos anos 1960, a escola para ela, criança, como um lugar de aprender a ler e a escrever e como um mundo a ser compreendido. Lugar de vivências do conflito. A sua passagem por ela não traz nada de neutro ou feliz.

Fragmentos de histórias singulares, mas que, no entanto, se entrecruzam com histórias de tantos de nós, mulheres ou homens, leitores desse livro, cuja leitura me arrasta pelo desejo quase irresistível de conhecer a todas pessoalmente. Ao mesmo tempo, já tendo bastante delas comigo, na intimidade desses textos, que me leva a encontrar em cada uma delas algo dessas crianças que nos apresentaram, dessas moças que foram traçando caminhos, mostrando-nos a criação de possibilidades de escapar ao que está dado, criar, romper, construir e não apenas reproduzir: um papel, um pensamento, um conceito, uma história.

Marilena A. Jorge Guedes de Camargo, uma mulher atuante e apaixonada pelo que faz e pelos movimentos sociais de seu país. Mostra-nos como é afetada pelos acontecimentos de seu tempo - muitas vezes através também da leitura, mas não só - e é capaz de afetar quem está à sua volta, repensando cursos, criando estratégias e táticas, formas de trabalho com alunos e ela mesma atuando em várias instâncias sociais. Seu memorial apresenta grande elaboração teórica, mas gostaria de ressaltar uma passagem sua, quando nos conta de crianças, seus alunos do ensino fundamental de uma escola rural. Alguns deles vinham descalços para a escola, mas traziam seus sapatos embrulhados em jornal embaixo do braço e só na escola os colocavam, "para não sujar". E fica a questão da professora perplexa: "O que esperavam realmente de mim?"

### Referências

BOURDIEU, Pierre. L'illusion Biographique. In: **Actes de La Recherche en sciences sociales**. nº 62/63 - juin 1986. pp. 69-72.

DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 1968.

---

Kátia Maria Kasper  
Professora do Setor de Educação  
Universidade Federal do Paraná  
E-mail: katiakasper@uol.com.br

---